



A ODISSEIA DA
FILOSOFIA

UMA BREVE
HISTÓRIA DO
PENSAMENTO
OCIDENTAL

FILOSOFIA

JOSÉ FRANCISCO BOTELHO

P R E F Á C I O

Admiração.

Eis o que me acomete ante a leitura desta obra que prefacio. Admiração pelo autor e pelo que foi capaz de fazer. Em que consiste essa admiração?

Um embasbacamento inicial, semelhante ao que sentiram o homem e a mulher quando se deram conta do mundo, de si e da própria vida.

Mas não só.

Uma certeza de que aquele feito não é alcançável pelo seu admirador. Eis como o autor do prefácio se coloca ante o livro que ousa preficiar. Em admiração.

Dada essa condição inicial, o que fazer? O que deve conter um prefácio? Um resumo? Uma síntese? Um comentário?

Que o leitor perdoe tanta hesitação. É pura falta de jeito. Coisa de quem foi pego de surpresa. Porque, entre outros motivos, nunca estive à altura.

—

Há meio século, o professor Bourdieu assumiu uma cadeira no Collège de France.

Instituição muito antiga que, nos dias de hoje, oferece cursos livres e gratuitos para simples interessados. Não há nenhuma seleção para frequentá-los. Os docentes, esses sim, são escolhidos com muito critério. Em geral, o nome de maior prestígio em sua área, franceses e estrangeiros. A mais alta distinção do ensino superior francês.

A lista de exemplos não tem fim. Georges Duby e Emmanuel Le Roy Ladurie em História, Marcel Mauss e Claude Lévi-Strauss em Antropologia, Raymond Aron em Sociologia, Umberto Eco em Linguística, Andre Siegfried em Geografia, Gabriel Tarde, Maurice Merleau-Ponty e Michel Foucault em Filosofia, e tantos outros expoentes de seus tempos.

A tradição exige uma primeira aula, de cunho inaugural. Com todas as implicações simbólicas que aquele cenário enseja. Um instante de reconhecimento que unge, pelo que há de mais sagrado, aquele porta-voz como legítimo e autorizado a se manifestar sobre seus assuntos. Cerimônia rara de apropriação autorizada de capital simbólico, propriamente intelectual, junto ao patrimônio institucional acumulado ao longo dos séculos de sua existência.

O professor Bourdieu viria a publicá-la mais tarde com o título *Leçon sur la leçon*. Um trabalho de enquadramento sociológico daquele evento por ele protagonizado a partir do seu próprio arsenal conceitual, tais como as noções de campo social, *habitus*, legitimidade, capital social, dominação simbólica, distinção e outras tantas.

A aula inaugural foi sobre o que significava proferir uma aula inaugural. Uma aula sobre a aula. Muito mais do que uma lição sobre a lição que a tradução mais ingênua poderia fazer crer.

Tal como em *Ce que parler veut dire* (*O que falar quer dizer*, em português), Bourdieu se debruça sobre o que pode significar uma aula inaugural no Collège de France. Sobre as condições sociais de construção de significado em torno dessa atividade de índole tão prestigiosa.

Quais os limites, socialmente definidos e fiscalizados, da produção discursiva objetivada naquela aula? Até que ponto é possível ir sem “pisar na bola”, sem “perder a mão”, sem “chocar demais”? Até onde a heresia é aplaudida, tolerada e rejeitada?

Em que consiste uma aula inaugural como aquela?

A legitimidade do porta-voz seria tal que lhe autorizaria definir do zero e por conta própria os seus limites? Não estaria, dessa forma, empanando a autoridade da instituição, fonte da sua própria legitimidade? Não havendo um tutorial do que deve conter uma aula inaugural, não estaria ela, com seus vazios de princípio, à mercê de uma luta sobre o seu conteúdo legítimo?

O certo é que uma aula inaugural é inaugural – a primeira daquele professor na instituição. Mas também é aula, que atende a um compromisso propriamente acadêmico, com seus programas, conteúdos e objetivos pedagógicos. E mais: se objetiva num ritual social, rica e meticulosamente preparado, que faz advir o que enuncia, marcando espetacularmente um antes e um depois naquele espaço específico de relações.

—

Bem, para você, raro leitor de prefácios, que se dispôs a folhear o que vinha antes do livro que adquiriu, esses primeiros parágrafos podem ter trazido alguma perplexidade. Afinal, nada do que foi escrito até aqui tem aparentemente a ver com o anunciado no título e capa da obra.

Vamos tentar amarrar isso antes que você desista de mim.

Tal como no caso da aula inaugural, espera-se de um prefácio que cumpra papel condizente com todo o projeto editorial. Porém, não há como negar, o espaço destinado ao prefaciador é de prestígio e reconhecimento. Há uma apropriação, mais ou menos extensa e autorizada dos ganhos sociais conquistados, a duras penas, pelo autor e pelos editores do projeto.

A expressão do senso comum que melhor traduz essa dinâmica de fluxos e transferências de capital é “pegar carona”.

O prefaciador é um sortudo caroneiro, com um aspecto meio “folgado”, que chega no final, liga o ar-condicionado, senta junto à janela e pede para pôr o som na sua rádio favorita.

Para além dessas implicações simbólicas, assim como na aula inaugural, não há obviedades sobre o que um prefácio deve conter. No mundo editorial, a diversidade de estratégias costuma ser grande. Algumas mais pertinentes do que outras.

Francisco costura, com grande originalidade, história política e do pensamento. Dono de um estilo preciso e atraente, leva o leitor para onde quer, fazendo-o degustar enredando num prazer de leitura por

intermédio de uma narrativa cujos fios tece com a excelência de quem sabe fazer o que faz.

A estupefação como pontapé inicial da filosofia vem apresentada por alegoria criativa da vida doméstica.

Os pré-socráticos superam, de longe, os manuais de divulgação. Esses se limitam a comparar, como numa tabela, a *physis* dos principais pensadores. A vida desses últimos e seus cenários permitem ao leitor um entendimento enriquecido das ideias e de seu fluxo.

Em 2020, publiquei um livro sobre Sócrates. E asseguro-lhes que aprendi muito lendo o capítulo a ele dedicado por Francisco. Com a leveza de sempre, o texto nos faz imaginar o ateniense e seu amor pela *polis*, sua ignorância assumida e sua sabedoria inaugural.

De Platão em diante, limito-me a recomendar. Porque o texto lembra muito esses salgadinhos que é impossível comer um só. A leitura engata e só larga na quarta capa.

Admiração é isso. Não se sentir autorizado a falar muito. E sugerir, sem mais delongas, que o leitor vire a página e passe ao que interessa.

Sirvam-se sem moderação.

Clóvis de Barros Filho

Jornalista, filósofo e autor de *A vida que vale a pena ser vivida*.

A AURORA *da* FILOSOFIA OCIDENTAL

Imagine-se acordando de repente em uma casa desconhecida: a mobília tem ângulos estranhos e funções misteriosas; as paredes estão cobertas por cores incongruentes; há enigmáticos mecanismos espalhados pelos cômodos, funcionando de forma deliberada, como se alguém os houvesse programado especificamente para causar perplexidade e indagação. Ao acordar, você não sabe de onde veio, tampouco imagina o que está fazendo ali. O propósito e o funcionamento de todas as coisas lhe parecem, à primeira vista, impenetráveis; ao mesmo tempo, parece haver um sentido em todos esses estranhos objetos que o cercam.

Situação semelhante foi a enfrentada por nossa espécie, lá na aurora da História, quando a mente humana começou a processar o mundo ao seu redor. O espanto foi a reação de nossos antepassados diante desse Universo regulado e inexplicável, onde vieram parar sem que ninguém lhes desse um manual. Do espanto, nasceu a filosofia.

Antes da filosofia, contudo, veio o mito. Àquelas perguntas elementares – “em que consiste este mundo? E o que estamos fazendo nele?” – a

humanidade respondeu, inicialmente, com grandiosos relatos cósmicos. As forças obscuras do Universo eram personificadas em deuses; seus combates, amores e caprichos explicavam a incoerente coerência da vida humana. Por que o relâmpago corta o céu? Porque Zeus, governante do Olimpo, está de mau humor. Por que perdemos a cabeça diante de um corpo atraente? Porque Afrodite, a deusa do amor, tem poder irresistível sobre os mortais. Por que nascemos, sofremos e morremos? Porque as Parcas, deusas do destino, tecem, enrolam e cortam os fios de nossa vida, conforme lhes apraz. Assim, o enigma visível do nosso mundo ganhava sentido por meio de um outro mundo, que os sentidos humanos não podiam perceber, mas que a imaginação supunha.

Em determinado momento, no entanto, a explicação mitológica deixou de satisfazer as mentes mais inquisitivas, e, no lugar das histórias herdadas desde tempos imemoriais, uma sucessão de pensadores buscou suas próprias respostas, baseando-se em duas ferramentas: a observação do mundo e o pensamento racional. Essa transição ocorreu entre os séculos 7 e 5 a.C.; os pensadores dessa época, considerados os fundadores da filosofia ocidental, são conhecidos como pré-socráticos. Suas reflexões podem ser vistas como uma negação da mitologia; por outro lado, o que os motivava era o mesmo espanto que levou a humanidade a criar deuses e heróis. “Foi por conta do espanto e do assombro que os homens começaram a filosofar – e, pelo mesmo motivo, filosofam até hoje”, escreveu Aristóteles, no século 4 a.C., na obra *Metafísica*. “Espantaram-se inicialmente com as perplexidades mais óbvias e foram gradualmente levantando questões relativas a assuntos mais graves: as mudanças do sol e da lua, o sentido das estrelas, as origens do Universo. A sensação de assombro advém da ignorância: assim, o apreciador dos mitos é também um filósofo, pois todos os mitos são compostos de espanto.”

Dos filósofos pré-socráticos, não sobreviveu nenhuma obra completa: nós os conhecemos apenas por fragmentos. Mas sua importância é

inversamente proporcional ao que sabemos sobre eles. São gigantes nas sombras da história, raiados aqui e ali por um raio de luz; e essa mistura de grandeza e mistério lhes dá, nos primórdios da filosofia, uma estatura semelhante à dos personagens das epopeias antigas. Os pré-socráticos são os heróis quase mitológicos da razão.

O CALDEIRÃO GREGO

A história da filosofia grega não começa no que hoje chamamos Grécia, mas do outro lado do mar Egeu, no território da atual Turquia – região que, na Antiguidade, era conhecida como Ásia Menor. Para entender como isso aconteceu, é preciso remontar a um período bem anterior ao surgimento dos primeiros filósofos.

Até uns 1200 anos antes do nascimento do cristianismo, florescia na Grécia continental e nos arquipélagos do mar Egeu a chamada civilização micênica ou aqueana. Era uma cultura aristocrática, formada por múltiplos reinos belicosos e famílias principescas, que se diziam descendentes dos deuses e governavam pequenas comunidades espalhadas por montanhas, ilhas e planícies. Essa civilização tinha alicerces de bronze, pois era esse o metal usado na fabricação de suas armas e ferramentas. O sistema de escrita, conhecido pelos arqueólogos como Linear B, era diferente do alfabeto que mais tarde seria adotado na Grécia – as letras micênicas representavam os sons das sílabas, em vez dos fonemas. Em locais como Micenas e Tirinto, os helênicos arcaicos ergueram palácios magníficos; séculos depois, seus descendentes ficariam tão impressionados com tais construções que haveriam de atribuí-las aos ciclopes¹ (por isso, os restos das fortalezas micênicas ficaram conhecidos, na Antiguidade, como ruínas ciclópicas).

1. Na mitologia grega, criaturas gigantescas com um olho só no meio da testa.

Entre os séculos 12 e 8 a.C., essa civilização ruiu. Até meados do século 20, historiadores e arqueólogos atribuíam o colapso à chegada de um outro grupo étnico e linguístico: os dórios. Vindo do norte da Europa e da Ásia em bandos sucessivos, esse povo teria devastado a antiga cultura micênica, assim como os bárbaros germânicos faziam com Roma, milênios depois. Em vários aspectos – na arquitetura, por exemplo –, os dórios tinham uma cultura menos refinada que os micênicos; contavam, no entanto, com uma vantagem incontornável: sabiam fabricar armas de ferro e, portanto, eram militarmente superiores. Hoje, muitos arqueólogos colocam em dúvida a teoria da Invasão Dórica. A civilização micênica teria tombado de forma gradual, por problemas internos. O fato incontestável é que, entre os séculos 12 e 8 a.C., os palácios ciclópicos foram incendiados e a escrita Linear B se perdeu (embora tenha sido redescoberta pela moderna arqueologia). Foi certamente um período violento e destrutivo; por isso, é conhecido como Idade das Trevas (o mesmo nome seria depois aplicado, de forma não totalmente justa, à Idade Média europeia). Durante essa época conturbada, remanescentes da antiga civilização micênica meteram-se em seus barcos de proas recurvas e buscaram novas terras, singrando as águas cor de vinho (essa era a cor dos mares na época, segundo os poetas). Aportaram na Ásia Menor. Lá, fundaram uma série de colônias que adornariam a história humana com grandes pensadores e poetas. Entre essas cidades, estavam Éfeso e Mileto.

Vários dialetos do grego eram falados na antiga civilização micênica, como o beócio, o eólio e o jônio. Este último era falado pela maior parte dos imigrantes que rumaram ao atual território da Turquia a partir do século 12 a.C.; por isso, a região ficou conhecida como Jônia. Colocadas a meio caminho entre a Grécia continental e as civilizações do Oriente Médio – como os persas, os fenícios e os babilônios –, as cidades jônicas prosperaram com o comércio e o intercâmbio cultural. Enquanto isso, na Grécia continental, a cultura dos imigrantes ou invasores dóricos ia se

misturando com a dos jônios, beócios, eólios e outros grupos autóctones. Por volta do século 10 a.C., os gregos em ambas as margens do mar Egeu adaptaram o sistema de escrita dos antigos fenícios, habitantes do Líbano e do Norte da África. Nascia assim o alfabeto grego clássico – dessa vez, representando os fonemas, não as sílabas. Com o novo sistema de escrita, surgiram as primeiras obras da literatura grega, que é até hoje uma das maiores criações da humanidade. Antes disso, já havia histórias e poemas, mas estes eram compostos e transmitidos oralmente por bardos itinerantes chamados aedos. Entre os séculos 10 e 8 a.C., a *Iliada* e a *Odisséia* foram colocadas no papel – onde se encontram até hoje, para nosso deleite. Homero, a quem se atribui a autoria das grandes epopeias gregas, nasceu e viveu em algum lugar da Ásia Menor; na Antiguidade, dezenove cidades gregas disputavam a honra de serem o local de nascimento do grande poeta.

O florescimento da escrita teve grande importância no surgimento da filosofia grega: graças a ela, os pensadores de uma geração podiam avaliar, corrigir e elaborar as ideias de seus antecessores. E ela deu seus primeiros frutos em uma região próxima à provável terra natal de Homero. Na cidade de Mileto, o pensamento filosófico foi gradualmente se separando da poesia e do mito.

A ESCOLA DE MILETO – SÉCULOS 7 E 6 A.C.

Em fins do século 7 a.C., Mileto era uma cidade rica e poderosa: os antigos gregos a conheciam como “o orgulho da Jônia”. Sua localização geográfica era muito propícia à navegação e ao comércio; os milesianos tinham uma aliança mercantil com o reino da Lídia, na atual Anatólia, de proverbial prosperidade – Creso, monarca lídio no início do século 6 a.C., foi considerado o homem mais rico dos tempos antigos (sua memória perdura na expressão “fulano é rico como Creso”). A Lídia tinha contatos

com a Babilônia e o Egito, cujos conhecimentos científicos – inclusive os rudimentos da astronomia – gradualmente respingaram sobre os gregos da Jônia. Outra prova da pujança da Ásia Menor nessa época é a adoção do sistema monetário, o que gerou uma revolução econômica em Mileto e nas regiões vizinhas. A utilização de moedas conferiu poder à classe mercantil e diminuiu a supremacia dos aristocratas, possuidores de terras. Isso tudo tem ligação crucial com nosso assunto, pois há indícios de que Tales de Mileto², celebrado como fundador da filosofia ocidental, tenha sido uma espécie de empreendedor bem-sucedido. Embora nascido pobre, enriqueceu precisamente graças à ciência (cujas fronteiras com a filosofia, lembremos, eram bastante tênues).

Tales é uma figura misteriosa, a respeito da qual circulavam muitos relatos, alguns provavelmente lendários. O certo é que nasceu em fins do século 7 a.C.; sua vida adulta transcorreu na época em que Cresos, o magnata, governava a Lídia. Pouco se sabe sobre sua vida, mas uma coisa é evidente: ele foi um atento estudioso das ciências naturais. Uma das provas é que, em 585 a.C., Tales previu corretamente um eclipse solar. A façanha foi possível graças aos conhecimentos astronômicos vindos do Oriente Médio: os babilônios sabiam que eclipses se sucedem em ciclos de dezenove anos, e essa informação pode ter chegado a Tales por meio de mercadores e viajantes. A sabedoria herdada dos babilônios transformou Tales em um homem rico. Ao menos, é o que relata Aristóteles, na *Política*:

Tales era reprovado por viver na pobreza; segundo alguns, isso era

2. Ao longo deste livro, você encontrará muitas histórias extraídas da obra de Diógenes Laércio (século 3 d.C.), *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Muitas dessas histórias talvez sejam apenas lendas e anedotas. Mas estão incluídas aqui por um motivo, digamos, antropológico: há algo de essencialmente precioso em saber o que os antigos pensavam sobre Platão, Sócrates, Epicuro etc. Talvez Platão jamais tenha bebido água do mar; talvez os discípulos de Diógenes não tenham se esbofeteado em seu funeral; talvez Dom Pedro I não tenha gritado “Independência ou morte”. Mas a existência dessas histórias significa, em si mesma, alguma coisa.

prova de que a filosofia é uma ocupação inútil. Um dia, contudo, Tales usou seus conhecimentos astronômicos para prever uma grande colheita de olivas; em pleno inverno, observando as estrelas, ele descobriu que a safra do ano seguinte seria profusa. Juntou então o pouco dinheiro que tinha e o investiu maciçamente em prensas de azeite; comprou-as por preço baixo, já que, no inverno, ninguém tinha interesse por elas. Quando veio a grande colheita, houve enorme e repentina demanda por prensas, e Tales negociou-as pelos valores que bem entendesse; assim, ganhou grande quantidade de dinheiro. E dessa forma demonstrou ao mundo que os filósofos podem enriquecer, se desejarem, embora suas ambições sejam de natureza diferente.

Além de astrônomo habilidoso e investidor arguto, Tales foi o primeiro pensador a examinar uma questão que seria importantíssima na filosofia grega nos próximos séculos: a *physis*. No vocabulário da época, a palavra tinha vários significados: “processo de crescimento”, “vigor criativo”, “fonte original” ou ainda “a matéria-prima da qual uma coisa é feita”. Tudo o que existe tem uma determinada *physis*. Em um tronco de árvore, a *physis* é a madeira e a seiva; em uma montanha, é a rocha, a terra, os minérios; no corpo humano, a carne, o sangue etc. Observando a multiplicidade de coisas que existem no mundo – como árvores, montanhas, pessoas... –, Tales perguntou-se: qual é a *physis* do universo? Em outras palavras: é possível considerar todas as coisas como uma realidade única, que se manifesta em diferentes formas? Essa questão foi tão essencial aos primeiros filósofos que os pré-socráticos ficaram conhecidos como *physikoi*, ou estudiosos da *physis*. À sua inovadora pergunta, Tales deu uma resposta que hoje pode parecer primária: o princípio de todas as coisas é a água. A proposta, entretanto, é mais complexa do que parece: a água, em estado líquido, é intermediária entre os estados gasoso e sólido.

A *physis* de todas as coisas, portanto, seria uma espécie de plasma que, por meio de diversas transformações, assume as formas das diferentes e infinitas coisas que no cercam. Essa ideia inaugura a noção de uma causa primordial que explique as variadas faces de tudo o que existe – como escreveu Georg Hegel nas *Preleções para a História da Filosofia*: “A proposição de Tales, de que a água é o absoluto ou, como diziam os antigos, o princípio de tudo, é uma ideia filosófica; com ela, a Filosofia começa, porque através dela chega-se à consciência de que o Um é a essência, o verdadeiro, o único que é em si e para si”.

A obsessão de Tales pelo elemento líquido também influenciou suas ideias sobre o formato do mundo em que vivemos. Para Tales, a Terra era um disco achatado, flutuando em uma vasta massa aquosa. Essa proposta cosmológica, por mais primitiva que soe hoje em dia, significou um avanço em sua época. Os gregos do tempo arcaico acreditavam que a Terra fosse uma espécie de ilha fixa, cercada por um gigantesco oceano. Tales, contudo, afirmou que a Terra não estava simplesmente cercada por água, mas *flutuava* nela. Na teoria de Tales, a Terra libertou-se de suas amarras, deixando de ser algo imóvel – um passo na direção certa, portanto.

Se Tales deixou obras por escrito, nenhuma delas sobreviveu, mas seus seguidores preservaram suas ideias na forma de citações. O discípulo imediato de Tales foi o conterrâneo Anaximandro, nascido em meados do século 6 a.C. Era um homem de ciência, como o professor: foi o primeiro grego a traçar um mapa geográfico e introduziu na Jônia o ognômon, um tipo de relógio de sol, de origem babilônica. Além disso, escreveu o que provavelmente tenha sido o primeiro livro em prosa na literatura grega. Antes dele, havia apenas poesia, voltada para temas mitológicos e religiosos. Ou seja, no Ocidente, a prosa e o pensamento filosófico nasceram abraçados.

A obra de Anaximandro perdeu-se ainda na Antiguidade, e dela

não sabemos sequer o nome; mas fragmentos sobrevivem em textos de filósofos posteriores, como Aristóteles. À pergunta levantada por Tales, Anaximandro deu uma resposta mais elaborada: a água é apenas um dos elementos que formam o mundo e, portanto, não pode ser o princípio originário de todas as coisas; a *physis* do universo deve ser um elemento invisível, que nossos sentidos não podem apreender completamente. A essa misteriosa matéria-prima, Anaximandro denominou *ápeiron*: uma substância infinita, sem limites, que existe desde sempre e continuará eternamente existindo.

O indefinível *ápeiron* seria a unidade original de todas as coisas; mas como os fenômenos individuais surgiriam dessa substância única? Para Anaximandro, isso ocorria por meio de um processo de equilíbrio e desequilíbrio entre forças opostas. O quente e o frio, o seco e o molhado, o líquido e o sólido – tudo isso existiria dentro do *ápeiron*, em iguais medidas; mas cada força ou elemento tentaria constantemente dominar as outras. Quando o elemento líquido se sobressai, surge a água; quando o elemento quente e seco revida, surge o fogo. Esse jogo seria equilibrado por uma espécie de lei impessoal que regula todo o universo. É o que se apreende de um dos poucos e enigmáticos fragmentos que sobreviveram da obra de Anaximandro: “Àquilo por meio do qual foram gerados, os seres retornam novamente, conferindo reparações e satisfações às injustiças uns dos outros, conforme a ordenação do tempo”.

A *injustiça*, no caso, é o desequilíbrio entre as forças internas do *ápeiron*, que voltam a equilibrar-se com o tempo: assim as coisas surgem e desaparecem; a água brota, evapora, volta a brotar; o fogo nasce da palha seca e é apagado pela chuva; a vida surge, a inteligência se desenvolve e se embota, tudo volta a ruir. Se uma das forças ou elementos fosse superior aos outros – a água, por exemplo –, todo o processo cessaria. Por isso, o princípio original tem de ser algo indeterminado. E, como o *ápeiron* é infinito, esse processo de “injustiça e reparação” dá origem ao surgimento

de mundos igualmente infinitos; o nosso é apenas um deles. Vale notar que, nesse caso, “mundo” não quer dizer um planeta, mas um sistema cósmico. Na visão de Anaximandro, infinitos universos emergem e voltam a mergulhar na extensão ilimitada e atemporal do *ápeiron* – uma imagem de violenta beleza, que deixou suas marcas na história do pensamento. A filosofia de Anaximandro impressionou filósofos modernos, como Friedrich Nietzsche, que assim explicou as teorias do milesiano, na obra *A filosofia na época trágica dos gregos*:

Tudo o que alguma vez veio a ser também parece outra vez, quer pensemos na vida humana, quer na água, quer no quente e no frio: por toda parte, onde podem ser percebidas propriedades, podemos profetizar o sucumbir dessas propriedades, de acordo com uma monstruosa prova experimental. Nunca, portanto, um ser que possui propriedades determinadas, e consiste nelas, pode ser origem e princípio das coisas; o que é verdadeiramente, conclui Anaximandro, não pode possuir propriedades determinadas, senão teria nascido, como todas as outras coisas, e teria de ir ao fundo.

Anaximandro também discordou de Tales quanto ao formato da Terra: acreditava que ela fosse uma espécie de cilindro, semelhante ao fuste de uma coluna. Os humanos viveriam na superfície superior do cilindro; haveria outra região habitada – e por nós totalmente desconhecida – na superfície antípoda. De novo, a ideia pode parecer primitiva; e, de novo, há nela uma secreta grandeza – não na teoria em si, mas na forma como foi elaborada. Uma das características inovadoras dos filósofos pré-socráticos era a disposição a corrigir e reelaborar as ideias de seus predecessores. Em vez de fixar-se em uma tradição imutável, os estudiosos da *physis* reinterpretavam uns aos outros – por isso, as ideias que deixaram são tão variadas e surpreendentes quanto o mundo que

os cercava.

O terceiro representante da escola de Mileto foi Anaxímenes, que viveu na segunda metade do século 6 a.C. Nesse período, o Império Persa, com centro no atual Irã, expandiu-se para a Ásia Menor. A Lídia foi invadida pelos exércitos do imperador Ciro, o Grande; Mileto e outras cidades jônias perderam a independência, passando a integrar uma província do império. Assim como a cidade decaía, o esplendor de seus filósofos diminuiu: a filosofia de Anaxímenes foi menos grandiosa que a de Anaximandro e, de certa forma, repetiu a de Tales, com algumas alterações. Para Anaxímenes, o princípio de todas as coisas, em vez da água, era o ar. Os diferentes seres surgem ou deixam de existir segundo um processo interminável de condensação e rarefação. O espírito humano é feito de ar vivo e pensante; o fogo seria uma espécie de ar extremamente rarefeito; condensando-se, o mesmo elemento torna-se água; solidificando-se, vira terra. O mundo inteiro seria como uma criatura que respira, inalando e exalando infinitamente um sopro vital, chamado por Anaxímenes de *pneuma*. Para o filósofo, a Terra era semelhante ao tampo circular de uma mesa, flutuando no espaço.

Em 499 a.C., Aristágoras, governante de Mileto, liderou uma revolta das cidades jônias contra a Pérsia; os exércitos do imperador Dario, filho de Ciro, sitiaram a cidade e derrubaram suas muralhas. Segundo Heródoto, todos os homens de Mileto foram mortos; as mulheres e crianças foram escravizadas. E assim o “orgulho da Jônia” pereceu. Mas as ideias de Tales, Anaximandro e Anaxímenes continuaram a ser ensinadas em outras cidades gregas – até chegarem, por um processo gradual, a Atenas.

PITAGÓRICOS E PITAGÓRICAS

Antes de tomar o rumo de Atenas, contudo, devemos dar uma

olhada no sul da Itália. Lá, os gregos também haviam fundado colônias, a partir do século 8 a.C. As mais ricas e poderosas eram Crotona, na atual Calábria, e Síbaris, às margens do Golfo de Taranto; exploradores helênicos também haviam criado povoações na Sicília, como Agrigento e Siracusa. Por conta da fama e prosperidade dessas colônias, a parte meridional da bota italiana mais as ilhas vizinhas ficaram conhecidas na Antiguidade como Magna Grécia. Além de enriquecerem por meio do comércio, as cidades gregas na Itália tinham a vantagem de estar bem longe do Império Persa – enquanto as ruínas de Mileto fumegavam, a Magna Grécia chegava ao apogeu. Ali, o solo também se tornou fértil à reflexão filosófica, mas havia uma diferença importante em relação à Jônia: os pensadores que floresceram no sul da Itália tinham um acento místico bem mais pronunciado que seus colegas da Ásia Menor. O fundador da principal escola filosófica no sul italiano foi Pitágoras – uma das figuras mais misteriosas e estranhas na história do pensamento.

Pitágoras não era nativo da Magna Grécia, mas de Samos, uma ilha da Jônia. Alguns historiadores antigos afirmam que ele era filho de um rico mercador; outros, que seu pai era Apolo, deus das artes e da música. Essa confusa neblina de fato e lenda envolve toda a vida do filósofo. Pouco se conhece com certeza a seu respeito, mas sabemos que, entre 535 e 515 a.C., abandonou a ilha natal, por motivos políticos. E aqui vamos abrir um parêntese para explicar como andava a política das cidades gregas na época.

Originalmente, os povos helênicos eram governados por reis hereditários, conhecidos como *basileus*. Mas, como já vimos, a influência dos mercadores erodiu gradualmente o domínio dos aristocratas; nesse processo, muitas cidades passaram a ser governadas pelos novos-ricos, em um sistema conhecido como oligarquia (em grego antigo, “governo dos gordos”). Em alguns casos, contudo, o poder voltava a se concentrar nas mãos de um único homem – que ganhava o título de *tirano*. A

palavra tinha, então, um sentido diferente do que lhe atribuímos hoje: tiranos eram aqueles que tomavam o poder à força – diferentemente dos basileus, que recebiam a coroa no espólio de família. Ambos os tipos de governantes podiam ser igualmente *tirânicos*, no sentido atual da palavra. Em Atenas, no século 6 a.C., começou a surgir um novo sistema, baseado na participação dos cidadãos em assembleias livres (a democracia ateniense, contudo, tinha lá seus momentos de tirania, como veremos adiante). Pois bem: a ilha de Samos foi uma oligarquia até 535 a.C., quando um certo Polícrates tomou o poder, por meio de um golpe de Estado, tornando-se um dos mais famosos tiranos da Antiguidade. Era uma espécie de déspota esclarecido: matava opositores sem pruridos e saqueava as cidades vizinhas, mas era um refinado amante das artes, da poesia e do urbanismo. Construiu um dos maiores aquedutos da Grécia e empregou o grande poeta lírico Anacreonte como cantor oficial de sua corte. Por algum motivo, contudo, Polícrates e Pitágoras eram inimigos; e por isso o filósofo embarcou rumo ao sul da Itália em meados do século 6 a.C. Indiretamente, portanto, o ilustrado tirano de Samos foi responsável pela migração do pensamento filosófico da Jônia para a Magna Grécia.

Em Crotona, Pitágoras fundou uma espécie de confraria místico-filosófica. Grande parte de suas doutrinas era de cunho religioso: Pitágoras acreditava, por exemplo, na metempsicose ou transmigração das almas. Todas as coisas que vivem hoje conteriam o espírito de algo que existiu antes; o Universo seria formado por ciclos sucessivos, em que as almas antigas se transferem para novas criaturas, infinitamente. A maioria dos humanos, ao nascer, esquece as andanças anteriores de sua alma, mas Pitágoras afirmava ter nascido com um fabuloso talento mnemônico: era capaz de recordar, em sucessão, seis de suas vidas passadas. Além disso, o pensador dizia ter outros poderes semidivinos; uma das frases que os antigos lhe atribuíam era esta, de sucinta, serena e estranhamente convincente megalomania: “Existem homens, existem

deuses, e existem seres como Pitágoras”. Segundo relatos antigos, ele pregava tanto para humanos quanto para animais – como faria, séculos mais tarde, São Francisco de Assis.

A transmigração das almas é uma doutrina de longa tradição na história do pensamento e ainda hoje é aceita em diversas religiões. A seita pitagórica também tinha, contudo, crenças mais peculiares e aparentemente arbitrárias. Entre os mandamentos de Pitágoras, havia curiosos tabus: seus seguidores abstinham-se de fabricar pão; não deviam jamais tocar em um galo branco; era-lhes vedado caminhar em calçadas; sob hipótese alguma deveriam olhar seus próprios rostos no espelho à luz de uma vela; e era-lhes totalmente proibido comer feijões – não se sabe ao certo a origem dessa proibição alimentar, mas as evidências sugerem que os feijões eram vistos como criaturas sagradas e invioláveis: segundo Aristóteles, Pitágoras via no formato dos grãos um símbolo do universo.

Apesar dessas regras herméticas – ou, precisamente, por causa delas –, a seita pitagórica ganhou muitos adeptos: onde existe mistério, o ser humano geralmente vê indícios de verdades ocultas e segue o rastro. Em breve, havia pitagóricos em várias cidades da Magna Grécia, como Metaponto, Síbaris, Régio, Tarento e Siracusa. O poder da religião nascente assustou os não iniciados; em Crotona, muitos temiam que Pitágoras usasse sua influência para tornar-se tirano. A doutrina da transmigração das almas era ridicularizada por vários contemporâneos; Xenófanes de Cólofon, outro filósofo da época, zombou das ideias pitagóricas criando esta anedota:

Dizem que Pitágoras andava pela rua, quando ouviu latidos de desespero: era um cachorro, cruelmente espancado pelo dono. Cheio de misericórdia, Pitágoras dirigiu-se ao homem que batia no cachorro e lhe disse: – Pare agora mesmo; pois no corpo desse animal habita a alma de um velho amigo meu. Reconheci-o pelo tom de voz.

Por volta de 497 a.C., uma multidão de incrédulos tocou fogo na casa do filósofo; segundo alguns, ele morreu no incêndio, junto a muitos seguidores. Outros relatos afirmam que escapou correndo pelos campos vizinhos, mas deteve-se diante de uma plantação de feijões, incapaz de pisotear os cosmológicos vegetais. A multidão acabou por alcançá-lo e o matou. Há ainda quem diga que o místico conseguiu fugir para a cidade de Metaponto; em protesto contra a perseguição de sua seita, matou-se por inanição.

Não deixemos o cunho religioso das ideias pitagóricas ofuscar seu lado especificamente filosófico: o homem das seis vidas era certamente um místico, mas seu misticismo tinha um temperamento intelectual. Pitágoras era um estudioso da matemática, e sua resposta para a questão da *physis* foi diferente de todas as anteriores: para ele, o princípio de todas as coisas eram os números. Pitágoras chegou a essa conclusão meditando sobre a música – lembremos que ele dizia ser filho de Apolo, o divino tocador de harpa. Para entender a filosofia pitagórica, façamos um raciocínio relativamente simples: no universo dos sons, existem meros ruídos, cicios e estrondos, mas também existem melodias que encantam nossa mente. Qual a diferença entre o barulho que incomoda ou entedia e a música que embala e enleva? É a estrutura numérica, responde Pitágoras. A harmonia dos números é o que dá forma à confusão dos sons, criando beleza e sentido.

E assim acontece com todo o Universo. Para Pitágoras, os números não eram meros símbolos, exprimindo o valor das grandezas, mas entidades reais, cuja combinação formava a alma das coisas. Todas as criaturas existentes seriam imitações, ou *mímesis*, das estruturas numéricas que alicerçam a realidade. Como Anaximandro, Pitágoras acreditava que o Universo fosse um *ápeiron* ilimitado, porém os números criavam formas a partir dessa massa sem fronteiras. A matemática impõe delimitações para o ilimitado, assim como a harmonia das notas extrai música da confusão

dos sons. Da unidade primitiva, indiferenciada, surgiu a pluralidade, num ciclo interminável.

Outra contribuição importante de Pitágoras foi a definição do *ideal contemplativo*. O filósofo comparava o universo humano com uma apresentação das Olimpíadas (essas competições atléticas, importantíssimas na Grécia antiga, ocorriam na cidade de Olímpia desde 776 a.C.). Nos jogos, havia três tipos de pessoas: os comerciantes, que andavam pelas arquibancadas vendendo comida; os atletas, que competiam na arena; e os espectadores, que estavam ali apenas para apreciar a beleza do jogo. Segundo Pitágoras, a terceira categoria era superior às outras duas, pois a mais admirável ocupação humana é contemplar o mundo de forma ao mesmo tempo passional e desinteressada, sem tentar vencer uma competição ou adquirir ganhos materiais. Ou seja, o estágio superior da existência humana é o conhecimento pelo conhecimento, a beleza pela beleza, a arte pela arte. Somente assim a alma pode perceber a harmonia subjacente às coisas e integrar-se a ela.

O ideal contemplativo atravessa a história do pensamento e da cultura ocidental: às vezes é defendido, às vezes é atacado. Nos séculos 19 e 20, foi contraposto por escolas como o utilitarismo e o instrumentalismo, segundo as quais a reflexão humana deve ter sempre um sentido prático, de impacto sobre a realidade. No final das contas, contudo, o argumento de Pitágoras é mais convincente. O ideal contemplativo foi o que levou à criação da própria matemática: originalmente, a ciência dos números era considerada inútil, um mero exercício intelectual; mas toda a história humana da Antiguidade até hoje prova o contrário. O fato é que não temos como saber quais conhecimentos serão úteis no futuro: o inventor da primeira ferramenta talvez estivesse apenas lascando pedras num fim de tarde, *contemplativamente*, quando fez sua descoberta. É impossível ao ser humano direcionar de forma absoluta a história de seu próprio pensamento ao longo dos séculos; dessa forma, o tempo pode acabar

provando que o sujeito contemplativo foi mais útil à espécie do que seu colega pragmático.

Por fim, vale citar um aspecto pouco conhecido da escola pitagórica: a significativa presença de *filósofas*. As mulheres tiveram grande importância no desenvolvimento e na transmissão das ideias de Pitágoras. De acordo com alguns relatos, o pensador teria inclusive baseado parte de suas doutrinas nas ideias de uma enigmática pensadora. É o que sugere este breve e misterioso trecho da *Vida dos grandes filósofos*, de Diógenes Laércio: “Pitágoras derivou a maior parte de suas doutrinas éticas a partir dos ensinamentos de Temistocleia, sacerdotisa de Delfos”. Em Delfos, havia um famoso templo de Apolo – às suas sacerdotisas, atribuía-se o dom da clarividência (como veremos mais adiante); e isso, infelizmente, é tudo o que sabemos a respeito da possível mestra de Pitágoras. Sobre as discípulas do filósofo, contudo, há registros um pouco mais detalhados – entre elas, estava uma certa Teano, filha de um rico aristocrata de Crotona. Estudou matemática com Pitágoras e, de acordo com alguns relatos, casou-se com o professor. Escreveu várias obras sobre ética e metafísica; entre seus fragmentos, encontra-se este: “Mais vale ser um cavalo louco em disparada do que uma mulher que não reflete”.

O conselho foi acatado pela geração seguinte: Agnotis, Damo e Mia, filhas de Teano, também se tornaram filósofas. Como Pitágoras nada deixou por escrito, boa parte do que sabemos a respeito de sua doutrina nos foi legado pelas mulheres de sua família. A ideia de uma harmonia oculta, que se reflete nas diferentes formas das criaturas, influenciou Platão e muitos pensadores posteriores; se não fosse pelas mulheres pitagóricas, portanto, é possível que o conteúdo deste livro fosse bem diferente.

HERÁCLITO – 535 A.C. A 475 A.C.

A brutal devastação de Mileto não decretou o fim da filosofia na

Jônia. Enquanto Pitágoras pregava suas doutrinas no sul da Itália, as questões levantadas pelos filósofos milesianos foram revividas em Éfeso, outra cidade grega da Ásia Menor que, no início do século 5 a.C., também caiu sob o domínio do Império Persa; no entanto, mesmo sob jugo estrangeiro, continuou a prosperar. A cidade se manteve neutra durante a Rebelião da Jônia, em 499 a.C.; por isso, foi poupada da destruição. E foi em solo efesiano que surgiu o mais conhecido dos filósofos pré-socráticos: Heráclito, cujas ideias são ao mesmo tempo uma síntese e uma refutação de todos os que vieram antes.

A família de Heráclito era da alta nobreza: seus ancestrais haviam sido os fundadores de Éfeso e, por várias gerações, detiveram o poder de *basileus*. Contudo, nos séculos 6 a.C. e 5 a.C., a cidade era governada pelos “gordos” – ou seja, os comerciantes ricos. Aristocrata de berço, Heráclito reprovava os caminhos tomados pela pátria. Jamais quis envolver-se em política e, a julgar pelos fragmentos que sobreviveram de sua obra, tinha uma opinião pouco lisonjeira sobre a espécie humana.

Na história do pensamento e da literatura, houve muitos misantropos célebres; nas *Viagens de Gulliver*, escritas no século 17, Jonathan Swift argumentou que os cavalos são mais admiráveis que os seres humanos; cerca de cem anos depois, lord Byron cunhou este verso famoso: “Todos os homens são maus, e meu pior remorso é não ser um cachorro, para poder mordê-los”; o adolescente carrancudo de *O apanhador no campo de centeio*, de J. D. Salinger, é um exemplo mais recente dessa tendência ao azedume sapiencial. Todos esses misantropos são, de certa forma, herdeiros de Heráclito, o primeiro grande rabugento na história cultural do Ocidente. “Os homens não sabem o que fazem quando estão despertos, da mesma forma que esquecem o que fazem durante o sono”, escreveu a respeito dos seres humanos em geral. Apesar de seu mau humor, Heráclito era admirado pelos concidadãos; um comitê certa vez foi procurá-lo, pedindo que os ajudasse a elaborar novas leis para a cidade.

Encontraram-no brincando com um grupo de crianças, junto ao pórtico do templo de Ártemis. Heráclito recusou-se a interromper a brincadeira: “Prefiro jogar com crianças do que ajudar vocês, bando de perversos, a governar a República”. No fim da vida, resolveu evitar completamente o convívio humano e foi viver sozinho nas montanhas, alimentando-se apenas de ervas e água corrente.

Seu temperamento bilioso não poupava os colegas de atividade filosófica. Sobre Pitágoras, vociferou: “Ele era um estudioso de muitos assuntos, mas seu conhecimento não passava de artifício e engano”. Nem mesmo os grandes poetas gregos escapavam de seu açoite: “Homero deveria ser tirado de nosso currículo e chicoteado. Hesíodo se faz de inteligente, mas não sabe diferenciar o dia da noite”. Em termos filosóficos, Heráclito declarava-se um autodidata: dizia ter aprendido consigo mesmo tudo o que sabia. Esse pensador antissocial escreveu um único livro, em prosa, chamado *Sobre a natureza*, do qual restam alguns pedaços. A obra foi composta em um estilo enigmático, para que apenas criaturas de suprema inteligência pudessem compreendê-lo – por isso, Heráclito ficou conhecido entre os gregos como *skoteinós*, o Obscuro. Devido a sua linguagem ao mesmo tempo densa e sucinta, as ideias de Heráclito até hoje são motivo de debates: a natureza precisa de seu pensamento varia de acordo com o intérprete.

Tales, Anaximandro e Anaxímenes tentaram definir a substância original de todas as coisas; Pitágoras afirmou que tudo o que existe é baseado em estruturas numéricas; para Heráclito, no entanto, o que realmente interessava não era a *substância* do Universo, mas o processo pelo qual as coisas existem e se transformam. Em vez de decifrar qual elemento presidia a *physis*, o eremita de Éfeso pretendia captar o princípio intelectual que regia o mundo – princípio que ele chamava de *logos*, a razão universal que comanda toda a existência. Segundo Heráclito, essa razão se expressa por meio da eterna mudança. O Universo se transforma

a todo momento, de forma incessante; nossos sentidos, por serem limitados, percebem as coisas como fixas em si mesmas, mas, na verdade, tudo está em constante mutação. Assim se explicam os dois aforismos mais célebres de Heráclito: “todas as coisas fluem” (*Pantarei*) e “ninguém pode se banhar duas vezes em um mesmo rio”. Porque as águas correm incessantemente, o rio em que nos banhamos pela manhã não pode ser o mesmo em que mergulhamos à noite; além disso, nós também nos transformamos a todo momento; não *somos* coisa alguma, mas *nos tornamos* infinitamente. Por isso, em Heráclito, a verdade não está no Ser, mas no Devir. O Ser, na filosofia grega, era tudo o que há de imutável nas coisas que existem; já o Devir é o impermanente, o que não é estável. Para Heráclito, essa ausência de estabilidade era a essência do cosmos.

O caminho da sabedoria, para o obscuro filósofo, era compreender e aceitar o Devir. O *logos*, além de ser o princípio universal, também se manifesta em nossa mente: é a razão humana, que, corretamente utilizada, pode captar o eterno fluxo da mudança. E nisso, para Heráclito, está a imortalidade da alma: ao perceber-se como parte de um processo infinito, o sábio compreende que sua morte é tão ilusória quanto sua existência.

Heráclito concordava com Anaximandro em um ponto: para ele, tudo o que existe é gerado pelo conflito entre forças opostas. Mas Anaximandro chamava esse conflito de *injustiça e desequilíbrio*; já Heráclito acreditava que equilíbrio e conflito eram a mesma coisa. Não existe existência possível fora da eterna batalha que forma o universo. O conjunto de todas as coisas existentes é como uma chama em perpétua combustão; se deixar de queimar, deixará de ser chama. Um dos fragmentos do Obscuro diz: “Este mundo, que é o mesmo para todos, nenhum dos deuses ou dos homens o fez; mas foi sempre, e é será um fogo eternamente vivo, que se acende e se apaga conforme sua medida”. Esse trecho levou alguns intérpretes a afirmarem que Heráclito via o fogo como elemento primordial de toda a matéria. Outros dizem que

ele acreditava em um ciclo universal de conflagração e recriação: de tempos em tempos, o Universo seria destruído por um incêndio cósmico e voltaria a renascer das cinzas. Pode ser, contudo, que o fogo de Heráclito seja exclusivamente uma metáfora para o Devir: a labareda bruxuleia e se contorce o tempo inteiro, mas sem deixar de ser labareda. Só pode existir transformando-se constantemente. Esse sentido também pode ser pressentido em outro fragmento obscuramente belo: “Deus é dia e noite, inverno e verão, guerra e paz, satisfação e fome; mas ele assume várias formas, como o fogo”. Deus, nesse caso, não é uma divindade pessoal, mas o *logos* universal, em cuja fogueira todos nós somos chispas.

Conta Diógenes Laércio que, certo dia, após longo exílio nas montanhas, Heráclito retornou a Éfeso, com aparência alquebrada. Estava sofrendo de hidropsia. Os médicos o desenganaram, mas, a essa altura, a vida e a morte lhe eram indiferentes, de modo que o Obscuro simplesmente deitou-se no pavimento de uma praça pública e ali ficou até perder os sentidos. Antes que os concidadãos pudessem levá-lo à sepultura, cachorros sem dono devoraram seu cadáver.

A ESCOLA DE ELEIA

Heráclito contrariou, com verve, todos os seus antecessores. As teorias do Obscuro seriam igualmente refutadas, quase ao mesmo tempo que eram proferidas. O contraponto de Heráclito foi seu contemporâneo, Parmênides (530-460 a.C.); havia entre ambos uma diferença de apenas cinco anos. Nativo da Magna Grécia, Parmênides produziu um livro também chamado *Sobre a natureza*; suas ideias poetizadas contrariavam o que Heráclito dissera em prosa. Ambos, no entanto, tinham algo em comum além da idade: seus escritos e seus pensamentos têm um sabor de enigma, que desperta o interesse mesmo em quem discorda do conteúdo.

Parmênides nasceu em Eleia, hoje Vaia, no sul da Itália. Na juventude,